

Prefácio

Agradam-me os estudos de temas e figuras regionais, que, principalmente se elaborados por filhos das próprias regiões, deste sertão que tanto me cativa a inteligência e o coração, ganham proporções maiores.

Outros podem saber mais, interpretar cientificamente a paisagem, comparar os fatos, descrever os episódios com maior clareza de raciocínio, mas perdem em sensibilidade quando falam em alma interiorana brasileira. O sertão pode ser de todos nós, que lhe acompanhamos o sofrimento, porém é principalmente daquele que nasce ali e ali vive os seus dias de amargura, com poderosa esperança no coração – por isso a frase famosa e formosa de Euclides da Cunha, já quase centenária, "O sertanejo é antes de tudo um forte", ganhou justas proporções de lema brasileiro.

No quadro cultural do centenário canudense, faz 100 anos que Antonio, Conselheiro de alcunha, morreu e o sertão surgiu fazendo de seu martírio sua glória. Sinto-me cada vez mais atraído pelo passado, pelo presente e pelo futuro da gente indomável que viveu, vive e viverá suportando o amargo da seca e aguardando os renovados milagres das chuvas. Aqueles que exaltam e cantam a vida do sertão, dos seus heróis anônimos e suas lideranças enérgicas, como é o caso de Parlim, poeta que sabe desenhar, desenhista que sabe poetar. Eles são legítimos portadores da linguagem sertaneja.

Nesse trabalho de tintas fortes, o moço sertanejo Paulo Marcus Ribeiro Vianna, professor de arte na sua Juazeiro baiana, tem posto o pincel para envolver na obra meritória, na realidade histórica e na adorável fantasia das lendas. As caricaturas por ele traçadas se parecem com a utopia dos conselheiristas, junto aos quais, nas horas marcadas de "guerra do fim do mundo", lá estava, na ânsia de reviver a vida, seu avô paterno, o acadêmico de medicina Adolpho Vianna, um daqueles alunos da gloriosa Faculdade de Medicina da Bahia, empenhado nas

crônicas da companhia do Belo Monte pela dedicação extraordinária à vida do brasileiro, jagunço ou macaco que se bateram na porfia de incompreensão da nossa nacionalidade. Os traços e as palavras de Parlim bem podem ser mensagens psicografadas do humanitário Dr. Adolpho Vianna. Acontece que, algumas vezes, "os mortos governam os vivos".

Prof. José Calasans
Escritor e Historiador